



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia da Educação [ST]

---

---

**TORNAR-SE HOMEM NA ESCOLA – UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO ESCOLAR DA DESIGUALDADE ETÁRIA E DE GÊNERO**

---

---

MARCHI, Rita de Cássia

Doutora em Sociologia, Universidade Regional de Blumenau-FURB, [rt.mc@bol.com.br](mailto:rt.mc@bol.com.br)

---

RIBEIRO, Tiago

Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, [tiago.ribeiro@live.com](mailto:tiago.ribeiro@live.com)

---



#### Resumo

Este ensaio analisa a produção e conservação escolar da masculinidade no romance O Ateneu (do escritor brasileiro Raul Pompéia) publicado originalmente em 1888 e que retrata um internato de elite do século XIX. O ensaio discute a trajetória do menino Sérgio, narrador e protagonista do romance, que sofre experiências disciplinares destinadas a transformar suas marcas infantis e femininas em características adultas e masculinas. A produção e conservação da masculinidade aparecem principalmente implicadas em eventos rituais que visam definir identidades conferindo marcas distintivas socialmente reconhecidas que tanto consagram a norma viril quanto estigmatizam e punem supostas fragilidades ou comportamentos vistos como efeminados e/ou infantis. A análise da produção e conservação da masculinidade no Ateneu permite, assim, observar os “mecanismos históricos responsáveis pela *desistoricização* e *eternização relativas* das estruturas da divisão sexual” (Bourdieu, 2002, p.08) atuantes naquele meio escolar e social.

#### Abstract

This essay examines the production and conservation of masculinity in the novel O Ateneu (Brazilian writer Raul Pompeia), originally published in 1888 and portraying an elite boarding school of the nineteenth century. The essay mainly discusses about Sergio's trajectory, a boy, narrator and protagonist of novel, which suffers disciplinary experiences to transform their infant brands into adult (female and male) characteristics. The production and conservation of masculinity appear mainly involved in ritual events that aim to define identities giving socially recognized distinctive marks which acclaim the virile norm and stigmatize and punish presumed female frailties or behaviors seen as effeminate. The analysis of the production and conservation of masculinity in the O Ateneu allows us to observe the “historical mechanisms responsible for the dehistoricization and perpetuation of structures related sexual division” (Bourdieu, 2002, p.08) active in that school and social surrounding.

Palavras-chave: O Ateneu; masculinidade, vida escolar, disciplina

Keywords: O Ateneu; masculinity; school life; discipline

[COM 0368]



## 1. Introdução

Este ensaio tem por objetivo apresentar e discutir a construção escolar do modelo de *homem* no romance *O Ateneu* a partir das passagens que tratam da (in)definição sexual de meninos em um internato masculino de elite, na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro.

Um colégio, e mais particularmente um internato, é marcado pelo fato de ter sido socialmente *instituído* como lugar de rigoroso disciplinamento no processo ininterrupto de construção de si (FOUCAULT, 1988), assim, no Ateneu se construía ou se cultivava tanto a inteligência quanto a masculinidade dos internos, pois aquela escola tinha por função educar os futuros membros da elite intelectual e política do período, isto é, “a fina flor da mocidade brasileira.”<sup>1</sup> O colégio Ateneu, como lugar de *desabrochamento* daquela juventude incitava, portanto, os estudantes a uma transformação gradativa: de delicados e ensimesmados botões – porque até então protegidos à sombra materna e doméstica – à flores vultosas e dispostas aos riscos e bálsamos do universo das relações sociais e políticas.

A metáfora do desabrochamento que é relativa ao mundo da Natureza e que nos remete ao significado do termo ‘cultura’ (como ação de *cultivar* algo – uma planta, um espírito), fica evidente na passagem em que o autor descreve o menino Sérgio como “Criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regímen do amor doméstico”. Aqui, a associação da criança a uma flor cultivada em “estufa” de carinho (a família), nos remete à origem do sentido figurado da educação de crianças como aquela que se exercia nos *jardins de infância*. E nos remete, portanto, também à representação social que se tinha, nessa época, do período da vida denominado ‘infância’, do indivíduo ‘criança’ e, concomitantemente, de sua educação.

Se, como sabemos, o processo de disciplinamento que rege as instituições da modernidade esteve plenamente disposto a sujeitar os corpos e os espíritos à normalização – como mostra Michel Foucault na obra *Vigiar e Punir* – sua função é a de promover a homogenia e, portanto, a elisão da diferença e do desvio. O Ateneu se apresenta, assim, como instituição onde atuam forças dispostas tanto a transformar corpo e espírito, quanto aperfeiçoá-los ou colocá-los numa determinada direção, corrigindo possíveis rotas erráticas. Essas forças são principalmente disciplinares, característica comum das instituições escolares, mas também das instituições fabris, militares, penitenciárias, etc. entre os séculos XVII e XIX. (Foucault, 1975). Se o soldado, por exemplo, se tornou, na segunda metade do século XVIII, algo que se fabrica (“de um corpo inapto, faz-se a máquina que se precisa”, Foucault, 1975, p. 137), também o *aluno* é fruto dessa descoberta do corpo como alvo do poder. A criança que o constitui é matéria considerada maleável e passível de aperfeiçoamento com vistas à produção de uma cidadania dócil, porém, útil. Destinada à normalização, a criança, em um internato, é inserida numa rede de (re)conhecimentos classificados e classificatórios; isto é, de plena definição.

Assim, neste ensaio, focamos nossa atenção nos momentos em que a disciplina, no colégio, visa a produção e conservação da virtude da virilidade, o *virtus*, enquanto *dever ser* e como forma socialmente honrada e desejável de um *homem* orientar-se. (Bourdieu, 2002). Esse processo de masculinização, ou de aquisição de um *habitus viril*, que atinge tanto o corpo quanto o espírito dos meninos no Ateneu imprime marcas que, opostas às características femininas, tornam reconhecível um homem diante de outro. Ele é responsável, assim, em demarcar a masculinidade dos internos à medida que transforma seu estado indefinido ou ainda notadamente infantil/feminino, em que os meninos geralmente se encontram quando recém-chegados à instituição. Isto é, o Ateneu tem por função transformar as crianças em homens e, assim, apartá-las do universo da infância que se constitui pelas relações familiares e domésticas e pela presença da mulher/mãe.

Essa separação do universo da família e da infância é descrita por Raul Pompeia como a “definição” da “individualidade” do menino Sérgio que estava sendo destacado “do aconchego placentário da dieta caseira”. Esse desenraizamento do universo feminino (a se manter a metáfora do cultivo de uma planta) é descrito pelo autor na forma de lamento do menino em dar “adeus” às suas “primeiras alegrias”: os seus brinquedos.

*O internato! Destacada do aconchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! os meus queridos pelotões de chumbo!(...) Força era deixar à ferrugem do abandono o elegante vapor da linha circular do lago, no jardim, onde talvez não mais tornasse a perturbar com a palpitação das rodas a sonolência morosa dos peixinhos rubros, dourados, argentados, pensativos à sombra dos tinhorões, na transparência adamantina da água...* (Pompeia, 1993, p. 22)

Mas, na sequência, o menino relativiza a triste separação da família e dos brinquedos, confortado por aquilo que chama de “primeiro estímulo sério da vaidade” e pela “confiança nas próprias forças”. Assim, ele iria se distanciar de seu mundo “como um homem!” e estaria pronto (“em armas”) para a “conquista audaciosa do desconhecido” (a “casa de educação” que o deveria receber):

*Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava. Quando me disseram que estava a escolha feita da casa de educação que me devia receber, a notícia veio achar-me em armas para a conquista audaciosa do desconhecido* (Pompeia, 1993, p. 22).

A aceitação do destino que se apresenta pressupõe a confiança do menino em suas forças diante da “luta dos merecimentos” e o sentimento de dever-ser se apresenta como estímulo desta aventura e está incessantemente sujeito ao revigoramento ou consolidação do sentido socialmente compartilhado e atribuído à escola como instituição educativa.

Sérgio estará a partir de agora sujeito às forças do internato que tenderão a estruturar sua subjetividade, inserindo-o numa rotina escolar coordenada por princípios disciplinares que visam construí-lo como um homem. Assim, seu corpo será alvo de transformação e formação que visam tanto sua educação física quanto sua educação moral. Essa educação que será também intelectual tem por fundamento e princípio a ordem escolar; uma ordem cujo sentido e validação, socialmente aceitos e compartilhados, é diariamente (re)instituída no exercício dos ritos escolares, dos quais todos os agentes da instituição participam. Assim, os incitamentos à masculinidade no colégio pressupõem-na como instituição que se produz e conserva por intermédio de ritos, formas sociais particulares dispostas tanto a consagrar quanto a estigmatizar e que, ao conferir marcas distintivas socialmente reconhecidas definem, sobretudo, identidades.

Nos ritos praticados no Ateneu se observa uma crescente ênfase no abandono de práticas infantis por parte dos meninos (as brincadeiras e sua conotação afetiva), com a intenção de neles apagar os sinais da infância, enquanto se constrói sua passagem para o mundo adulto. A trajetória escolar de Sérgio será marcada, assim, por cerimônias que visam a produção de uma ‘representação de si’ orientada pelo princípio da masculinidade. Portanto, as características visivelmente frágeis no menino serão transformadas em robustas e os sinais que nele, por ventura, lembrem o universo infantil e/ou feminino serão transformados de modo a se adequarem à representação do ideal masculino compartilhado no Ateneu e na sociedade da época. O internato procura, assim, produzir em seus internos um conjunto de valores que os adéquem a um sistema que lhes é, todavia, exterior (a ‘sociedade’, o ‘mundo lá fora’). É por isso que o internato, que prepara ininterruptamente para a vida adulta (aquela que dá acesso às esferas de poder – economia, política, ciência) é visto como “instituição ideal do século XIX” (ARIÈS, 1981, p. 191). Lembremos que essas esferas da vida adulta são – por definição – alheias ao universo infantil e, naquela época, também alheias ao universo feminino.

A preparação, no Ateneu, para a vida adulta e disciplinada inclui, assim, os ritos como meios que procuram apagar, pouco a pouco, do corpo e da mente dos indivíduos, as marcas da infância, da loucura, da delinquência, da feminilidade, etc., (Foucault, 1975) isto é, de tudo aquilo que não é aceito em espaços e postos de prestígio e, correlativamente, de poder.

Neste ensaio vamos tratar dos pequenos ritos e eventos do cotidiano escolar que produzem a passagem do menino Sérgio entre a infância e aquilo que, aos poucos, vai se apresentar como sendo a vida adulta; ou seja, os eventos pelos quais o menino terá que passar para “fazer-se homem” no Ateneu (isto é, na vida).

Mas, quem seria esse menino de onze anos que “parece ter seis” e, portanto, ainda não “realmente desenvolvido”, levado pelas mãos do pai “à porta do Ateneu”? Quem é o garoto que faz a “estreia das calças longas” e que, retirado do “aconchego da dieta caseira” é “perfeitamente virgem” às sensações de um universo ainda desconhecido?

Sérgio é uma criança que está prestes a ser iniciada, no âmbito do universo escolar, ao que Perrenoud (1995) chama de ‘ofício de aluno’. No regime de internato esta iniciação pressupõe um exercício constante de enquadramento disciplinar. Portanto, não é sem dificuldades e tristezas que o menino é levado a deixar o universo de uma infância burguesa para se construir no mundo adulto. Uma tristeza que é partilhada pelos membros do seu universo doméstico, pois a mãe beija, na despedida, a testa do menino e molha “de lágrimas os [seus] cabelos”. Para o menino, separar-se dos privilégios que a infância em família lhe oferece, tais como os de seus queridos brinquedos é, como vimos, dar “adeus às primeiras alegrias” dos jogos da infância para dar início a um jogo de homens, como anuncia o conselho que recebe de um experiente (porque veterano) colega de internato: “faça-se forte aqui, faça-se homem”.

Todos os rituais de instituição da disciplina e da virilidade, alicerçados na violência simbólica (BOURDIEU, 1999) em que repousam as práticas escolares, introduzem pouco a pouco a criança do romance aos princípios da construção de homens no Ateneu. Ao adentrar no colégio Sérgio terá que vestir calças e “há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro” para “deitar fora” seus “cachinhos”. Essa solicitação – “salgada de censura” – é feita pelo diretor do Ateneu (Aristarco), o “grande educador” de “peito largo”, núcleo do poder pedagógico, moral e disciplinar da época retratada no romance:

*“Como se chama o amiguinho?” perguntou-me o diretor.*

*- Sérgio... dei o nome todo, baixando os olhos e sem esquecer o “seu criado” da estrita cortesia.*

*- Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos...2 Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe. O conselho era visivelmente salgado de censura. O diretor, explicando a meu pai, acrescentou com o risinho nasal que sabia fazer: “Sim, senhor, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio...” (Pompeia, 1993, p. 32).*

O anúncio de circuncisão simbólica; a solicitação do corte da “infância que aí fica, nos cabelos louros” e que deixará o menino com a “sensação de nudez à nuca” produz os efeitos dos ritos de passagem que inscrevem no corpo das crianças a passagem para o mundo adulto. Assim, o corte dos cabelos do menino significa também a excisão dos vestígios de feminilidade/infantilidade de um corpo que, pertencendo agora ao universo dos rapazes, deve participar da homogeneidade das formas. Aqui se pode sugerir que a retirada, em Sérgio, dos vestígios do que é (ainda) infantil e/ou feminino, e que nele imprime o modelo masculino da aparência e a constituição do ‘ser homem’ no Ateneu, tem uma (dupla) função: impedir tanto a indefinição sexual (ou de gênero) que normalmente acompanha a primeira infância, quanto reprimir a conduta e o desejo homossexual (no colégio fortemente censurados).

Os ritos de instituição inscrevem uma série de diferenciações, visando destacar em cada agente – homem ou mulher – signos exteriores conforme sua distinção ou gênero sexual (socialmente definidos), assim como estimular práticas que convêm a cada sexo, desencorajando e proibindo outras: “É, por exemplo, o caso dos ritos ‘de separação’, que têm por função emancipar um menino com relação à sua mãe e garantir sua progressiva masculinização, incitando-o e preparando-o para enfrentar o mundo exterior” (Bourdieu, 1999, p. 35).

Bourdieu (1980) entende que a ordem, longe de poder ser considerada força unilateral, nasce antes do compartilhamento de determinados princípios. Na forma de disciplina, o habitus, se expressa, portanto, como

“princípios geradores e organizadores de práticas e de representações” (BOURDIEU, 1980, p. 88). Assim, o processo de construção do habitus naturaliza e, portanto, suspende a construção social entre masculino/feminino, entre infância/idade adulta, entre ordem/desordem, entre dentro/fora, entre internato/escola/mundo, suspendendo interrogações que possam ameaçar essas rígidas separações.

A análise da produção e conservação da masculinidade no Ateneu há de permitir, portanto, observar os “mecanismos históricos responsáveis pela desistoricização e eternização relativas das estruturas da divisão sexual” (Bourdieu, 2002, p.08) atuantes no âmbito escolar.

## **2. “Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem”**

Sérgio, como calouro no internato e, portanto, “perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase” que o Ateneu representa, está sujeito às experiências conflituosas e imprevisíveis à medida que desconhece os imperativos das condutas aprovadas no colégio. Assim, o menino é, pela primeira vez, orientado sobre a conduta masculina a ser mantida. A orientação é dada pelo veterano que lhe foi recomendado: o “honroso Rebelo”, o “mais velho” e “mais sério” da turma que, na “hora de descanso” passeava com Sérgio lhe transmitindo conselhos.

É de Rebelo, portanto, o contundente aviso: “faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se”. O conselho foi dado ao novato na primeira semana de aula, diante das provocações de que era alvo no pátio do colégio. Além disso, o aluno mais velho explana ao mais novo como está organizado ou classificado o comportamento do contingente escolar: embora aquela fosse uma escola só de rapazes, no Ateneu poderia ser encontrado, de acordo com Rebelo, “dous sexos, como se fosse uma escola mista”. Essa advertência é explicitada através das ideias de ‘sexo fraco’ (com referência às características femininas) e ‘sexo forte’, sendo que a primeira aponta os meninos “tímidos, ingênuos, sem sangue” e que mais parecem - de forma ‘pervertida’ - “meninas ao desamparo”. Assim, o conselho do veterano Rebelo se destina essencialmente a fazer Sérgio compreender que deve dispensar protetores, isto é, dispensar a ajuda de alunos mais experientes que podem lhe oferecer afetuosa proteção em troca de submissão, esta vista como virtude negativa associada ao comportamento feminino:

*Os gênios fazem aqui dous sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (Pompeia, 1993, p. 44)*

O sistema classificatório do Ateneu rotula os internos com propriedades destoantes do padrão de virilidade e honradez estabelecido, sendo estas vistas como infantis e/ou femininas e, por isso, pertencentes ao “sexo da fraqueza”. Estas propriedades são condenadas à medida que se expressam como características inadmissíveis num ‘universo de homens’. Elas expressam igualmente uma ameaça à ordem simbólica da instituição, na possibilidade de se apresentarem também como manifestos de resistência.

O caráter negativo atribuído à necessidade de protetores no colégio indica que ‘ser protegido’ significa, no Ateneu, assumir a condição feminina; assim, os meninos recém chegados e que, portanto, ainda não dominando os códigos locais de comportamento instituídos tanto formal quanto informalmente, devem fazer-se fortes diante das prováveis investidas de companheiros mais velhos e “mal intencionados”. A condição de novato no internato representa assim uma condição de vulnerabilidade também pela carência de se ter por perto alguém mais experiente que o proteja “dos vexames da vida colegial dos pequenos”.

Assim, Sérgio narra suas aventuras e desventuras diante do novo mundo que se lhe apresenta no Ateneu e que denota o engajamento de Pompeia “na destruição de mitos de toda uma viciosa instituição” (Proença, 2011, p. 17). Essa denúncia social ou crítica amarga à escola, como sugere Proença (2011, p.18), pode ser



percebida pelo “niilismo com que [Pompeia] envolve os personagens, quase todos retratados de maneira a mais depreciativa.” Assim, Rebelo, o veterano, previne Sérgio em relação aos colegas de internato: “Uma cáfila! Não imagina, meu caro Sérgio. Conte como uma desgraça ter que viver com esta gente.”

É, portanto, num universo de adolescentes “já marcados por uma hipocrisia e maldades próprias de adultos” (Proença, 2011, p.18) que vamos focar nossa análise e, mais especialmente, nos “afeminados, ou quase, [que] constituem verdadeira galeria, a que não escapa nem o herói, seja através de insinuações do autor, seja ostensivamente.” (Proença, 2011, p. 18).

Destacamos, no entanto, que a questão da efeminação surge na narrativa do menino Sérgio não como condenação moral de comportamento reprovável e reprovado num universo de homens e sim como condição possível em um “período de constituição moral”. Assim, o menino percebe nos demais companheiros, como em si mesmo, a luta travada na constituição de si. O modelo perseguido no colégio é o de homens fortes, seguros, inteligentes, sem quaisquer resquícios de dúvidas ou fraquezas tanto no que diz respeito à sexualidade quanto no que diz respeito à correta conduta de estudante/aluno.

São muitas as passagens nas quais o autor descreve os alunos do internato como possuidores de características (físicas ou comportamentais) de ‘efeminação’, mas uma passagem em que o menino Sérgio descreve seus colegas de classe basta para ilustrar esse conjunto: “eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia”, “o Almeidinha, claro, translúcido, rosto de menina [...] com um vagar lânguido”; “o Cândido [...] com modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos”; “o Ribas [...] primeira voz do Orfeão, uma vozinha de moça”, “cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem”, etc.

Há também muitas passagens, relativas ao protagonista Sérgio, onde transparece a ambiguidade sexual entre os pares no colégio, não sendo possível colocar todas neste texto. Assim, relatamos apenas que o menino Sérgio aceita de bom grado a amizade e proteção oferecidas por alguns colegas e tendo já assumido, entre os internos, “um belo ar de impávida altania” confessa sentir-se bem “na submissão voluntária, como se fosse artificial a bravura, à maneira da conhecida petulância feminina.” A ironia do autor em relação à ambiguidade da amizade entre rapazes “no movimento geral da existência do internato” se evidencia em passagem em que Sérgio admite assumir seu “papelzinho de namorada faz de conta” e de levar a sério as cenas correspondentes, ocupando-se: “com o laço da gravata dele, com a mecha de cabelo que lhe fazia cócegas aos olhos, [soprando-lhe] ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir”. As atitudes do “bom amigo”, no entanto, chegaram “ao excesso das flores” que enviava escondidas dentro de livros. As pétalas do princípio viraram “a imprudência de um ramallete” e é assim que o menino se pergunta, diante de tamanha manifestação de afeto: “Que devia fazer uma namorada?”

*Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. [...] admirava-o, desde o coração, até a cor da pele e à correção das formas. [...] No recreio, éramos inseparáveis, complementares, como duas condições recíprocas de existência. [...] Amor unus erat. [...] Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele nos meus. (Pompeia, 1993, p. 158)*

As amizades de Sérgio, por mais que contenham indício da ambiguidade sexual da paixão e devotamento de uma amizade entre adolescentes, também contém exatamente tudo que existe de mais propriamente humano no relacionamento entre duas pessoas que, à parte a rígida divisão entre o comportamento socialmente aceitável e definido para os sexos, são levados – em um regime de clausura – a viver de forma muito próxima e, nesta convivência, compartilhar situações e momentos que caracterizam o início da puberdade (o considerado ‘hiato’ entre a infância e a vida propriamente adulta). Assim é que os relatos são também entremeados com descrições do mais puro deleite intelectual, da pura e simples contemplação – a dois – da natureza, das alegrias compartilhadas em um brinquedo ou numa gazetilha, das cumplicidades e vicissitudes,

enfim, que compõem a vida escolar em um internato. Assim, se não fosse, talvez, nossa distância no tempo (já que a história que passa no século XIX), não haveria tanto a estranhar na forma como Raul Pompeia descreve as relações de afeto entre colegas (do mesmo sexo) no colégio, afinal, “o advento da oposição entre homossexuais e heterossexuais é algo muito recente e que foi sem dúvida só após a Segunda Guerra Mundial que a heterossexualidade ou a homossexualidade se impôs como escolha exclusiva.” (Bourdieu, 2002, p.117). O que, no entanto, parece permanecer como invariável, até aqui (e também no romance), da definição da homossexualidade, é a assunção da (presumida, porque socialmente construída) passividade feminina, sempre evocada pelo menino Sérgio em suas recordações. Assim, ou por compartilhar, ratificando, a construção social disto que Bourdieu (1999, p. 102, grifos no original) define como as “invariantes trans-históricas da relação entre os ‘gêneros’” (isto é os papéis ativo/passivo atribuídos respectivamente a homens e mulheres) ou “o trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se” (idem); ou por, quem sabe, desejar fazer ver (de forma socialmente crítica) essa convenção ou arbitrário social, Raul Pompeia coloca nas palavras do protagonista aquilo que socialmente está definido e que, portanto, merece reflexão. Aqui, portanto, pode-se evocar a prerrogativa da obra literária (colocada em evidência por Bourdieu em seu trabalho de dessacralização da obra de arte): tomada como objeto de estudo sociológico, “a literatura pode, por vezes, dizer mais sobre o mundo social que muitos escritos com pretensão científica.” (Bourdieu, 1996, p. 48).

Se as passagens selecionadas neste item exprimem todas, de certa forma, relacionamentos que beiram o limite entre a amizade e o assédio sexual ou entre a amizade e o amor homossexual, caracterizando assim, relacionamentos que sabemos ser, de certa forma, comuns e tolerados em locais que reúnem durante muito tempo em regime fechado pessoas do mesmo sexo (como internatos ou prisões), o episódio relatado abaixo caracteriza, no entanto, aquilo que no Ateneu era implacavelmente vetado e, portanto, punido: o comportamento assumidamente efeminado. Isto porque, agindo na ignomínia de uma “contra natureza”, ele combatia em dupla frente a ordem a ser (re) produzida no colégio: a natureza presumida e essencialmente masculina, viril – que é a de todo homem – e a ordem que regia a disciplina no colégio.

### **3. Anomalia e perdição: “uma carta do cândido, assinada cândida”**

O comportamento relativo à produção e conservação da masculinidade/feminilidade está geralmente implícito na ordem das coisas admitidas como naturais, e a transgressão ocasionada pela não correspondência aos ideais de conduta socialmente aceitável ou prescrita expressam a confiança atribuída à invulnerabilidade dessa ordem. A passagem abaixo transcrita descreve o ritual de punição pública que dois estudantes especialmente sofreram no Ateneu devido a terem sido flagrados em correspondência íntima que marcava um encontro romântico no jardim do colégio:

*À hora da ceia, na mesma porta em que se lia a gazetilha das aulas, sombrio como nunca, vagaroso como os compassos de réquiem, tétrico como o juízo final, entrou o diretor. (...) “Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...” Com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim. “Ah! mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores!” Era uma carta do Cândido, assinada Cândida (Pompeia, 1993, p. 148).*

E o diretor do colégio prossegue afirmando a suprema ignomínia (a de um homem se fazer passar por mulher): “Essa mulher, essa cortesã fala-nos da segurança do bosque, da solidão a dois.. um poema de pouca vergonha!”

O sistema de vigilância no colégio – o diretor tem “cem olhos” – se não pode inibir a transgressão, captura os transgressores e o rito de nomeação dos infratores os lança sob o feixe de luz da visibilidade pública,

degradando-os à medida que os torna nomeadamente representantes dos valores deplorados no colégio. O rito também destaca a ausência da norma incorporada em um espaço predominantemente normativo, ampliando os sentidos dos alarmes, da marginalidade e da danação. O rito da punição exerce, então, exibição intensificada da anomalia e da perdição que a acompanha. Aristarco, a principal figura masculina do internato lidera o exercício da justa punição: “[...] Amanhã é o dia da justiça! [...] tenho a lista dos comprometidos... e quem negar espontâneo auxílio ao procedimento da justiça, será reputado cúmplice e como tal: punido!” O protagonista confessa que “A devassa prometida fazia alarma geral”, pois “ninguém havia que não estivesse implicado na comédia colegial dos sexos, ao menos pelo enredo remoto do ouvi dizer”.

O exercício da justiça corresponde ao sistema disciplinar no colégio, aquele que define o inaceitável – a existência de “mulheres no Ateneu”<sup>3</sup>. O exercício ritualizado da justiça implica que seja socialmente compartilhado à medida que vela “a verdade da usurpação”, ou o arbitrário inaugural que “sem razão se tornou razoável” (Pascal, 1962, P. 52) autêntico e eterno. Os ritos são práticas que concentram e expressam mais intensamente os sentidos institucionalmente compartilhados e autenticados na forma de contrato implícito. O desempenho pleno dos ritos depende da concordância entre os agentes envolvidos que conferem crença na necessidade do cumprimento dos procedimentos ritualísticos: “À hora do primeiro almoço, como prometera, Aristarco mostrou-se em toda a grandeza fúnebre dos justicadores”:

*“Levante-se, Sr. Cândido Lima!*

*“Apresento-lhes, meus senhores, a Sra. D. Cândida”, acrescentou com uma ironia desanimada.*

*“Para o meio da casa! e curve-se diante dos seus colegas!”*

*Cândido era um grande menino, beijudo, louro, de olhos verdes e maneiras difíceis de indolência e enfado. Atravessou devagar a sala, dobrando a cabeça, cobrindo o rosto com a manga, castigado pela curiosidade pública.*

*“Levante-se, Sr. Emílio Tourinho... Este é o cúmplice, meus senhores!”*

*[...] [Tourinho] Nada absolutamente conformado para galã; mas era com efeito o amante. “Venha ajoelhar-se com o companheiro.*

(Pompeia, 1993, p. 150).

O caráter performático da cerimônia ou rito de punição atua na disseminação do arbitrário que divide sexualmente os agentes. Esse arbitrário, por ser compartilhado, pressupõe apropriação e reprodução, sendo, portanto, ponto comum de reconhecimento cognitivo entre os participantes do rito. A “pior humilhação para um homem consiste em ser transformado em mulher” (BOURDIEU, 2002, p. 38), assim, o exercício autorizado da humilhação – porque exercido sob a égide da justiça – suspende as resistências do homem esvaziando e sequestrando sua masculinidade enquanto a denuncia como socialmente perdida.

A conformidade com o sistema classificatório estabelecido resulta em lucros simbólicos como o reconhecimento entre semelhantes que, por sua vez, garante a validade desse sistema. O respeito que Cândido e Tourinho, cúmplices no crime de homossexualismo, devem expressar, curvando-se diante dos erguidos, formaliza o ajustamento às posições homólogas ao dobrado/reto, baixo/alto, feminino/masculino, etc. Os agentes punidos são, portanto, impelidos às posições marginais que sinalizam distanciamento dos valores predominantemente masculinos e disciplinares, sujeitos senão ao exílio simbólico – ex.: ser vergonhosamente reduzido a nada – ao menos às tentativas de (re) ajustamento institucional expressas nos trabalhos de punição:

*Conduzidos pelos inspetores, saíram os doze como uma leva de convictos para o gabinete do diretor, onde deviam ser literalmente seviciados, segundo a praxe da justiça do árbitro. Consta que houve mesmo pancada de rijo. (Pompeia, p. 151, 1993).*

O consenso a respeito das formas de condutas legitimadas no colégio – com o lucro da convicção compartilhada – intensifica os vexames públicos derivados das punições e são apreciados ou compreendidos a partir do sistema classificatório incorporado nas formas antagônicas e duais de honra/vergonha, forte/fraco, duro/mole, etc. Assim, de acordo com Bourdieu (1999), como a honra, a vergonha (seu reverso) - diferentemente da culpa - é experimentada diante dos outros e, por isso, a virilidade tem que ser validada pelos pares e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’. Assim é que “Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris.” (BOURDIEU, 1999, p. 65)

O sentimento que faz “a sala inteira” respirar aliviada após a cerimônia da punição realizada no Ateneu expressa o conforto da salvação coletiva daqueles que não tiveram os nomes expostos e que tiveram, portanto, afirmada sua identidade de homens e sua conformidade, portanto, à ordem simbólica e prática do colégio.

#### **4. Considerações complementares**

Neste ensaio, tomando por locus um colégio de elite masculino descrito em romance de inspiração autobiográfica<sup>4</sup> analisamos a trama social tecida em torno da construção social da masculinidade em oposição à feminilidade e, nesta construção, a proscrição da conduta homossexual. Paralelamente – e relativamente – a esta construção tratamos da passagem, produzida pela vida escolar, da infância para a vida adulta mediada pela condição de aluno. Nesse duplo movimento de transformação de uma criança em adulto e, neste caso, de um menino em homem, o que temos como pano de fundo ou como cenário das interações é a vida escolar em um internato e, como veículo ou técnica que produz essa transformação, a disciplina que rege todo processo de socialização. Assim, ‘fazer-se homem’ (no Ateneu) implica num trabalho ininterrupto de construção de si diante dos outros e contra a feminilidade (por uma espécie de medo do feminino). Nesse sentido, a virilidade (como toda identidade) é uma noção eminentemente relacional (BOURDIEU, 1999). A aprendizagem (das disposições necessárias à vida adulta), portanto, é o que propriamente realiza o trabalho social de eternização do arbitrário social (neste caso, das estruturas da divisão sexual e seus princípios de divisão correspondentes) e que, assim, leva a reconhecer como inscritas em uma natureza (masculina/feminina) disposições e virtudes que são em verdade construídas ao longo de todo processo de socialização (Bourdieu, 1999). Esse processo (trabalho histórico de des-historicização das estruturas sociais) que se baseia na diferenciação ativa em relação ao sexo oposto, no caso da identidade de gênero, também atua na diferenciação gradativa entre crianças e adultos. Assim, em nossas sociedades, a família patriarcal – e seu pressuposto, a dominação masculina ou a visão androcêntrica do mundo – é o princípio e modelo da ordem social como ordem moral fundamentada na preeminência dos homens sobre as mulheres e dos adultos sobre as crianças.

Por fim, cabe destacar o que Bourdieu (1999) pondera a respeito da cilada social que pode também significar o ‘privilegio masculino’. Enquanto ser dominante, os homens estão sujeitos à tensões e contenções permanentes e que são por vezes levadas a extremos no processo que impõe a todos “o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.” (Bourdieu, 1999, p. 64) Assim, poder-se-ia afirmar que “a virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, [...] é, acima de tudo, uma carga.” (idem) Ou seja, não é por ser o lado privilegiado da relação entre os sexos que os homens não sofram com as imposições sociais de defender, a qualquer custo, seu papel social. Uma breve reflexão sobre as implicações da atual perda do poder masculino (poder paterno, conjugal, sexual, etc.) no processo contemporâneo do chamado ‘declínio da autoridade’ no quadro das transformações das centrais instituições sociais ou, ainda, a violência (simbólica e física) de que são alvo os homossexuais assumidos nas sociedades de hoje, nos ajudaria a compreender este que nos parece um paradoxo e que, no entanto, reflete a dialética de uma relação social baseada na diferença e desigualdade (tomadas em sua suposta natureza e imutabilidade) que é a que temos socialmente construída entre homens e mulheres e entre adultos e crianças.

## Referências

- Aries, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Bourdieu, Pierre (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, Pierre (2002). *La domination masculine: édition augmentée d'une préface*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, Pierre (1980). *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1999). *A Dominação Masculina*. Trad. de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Capaz, Camil (2001). *Raul Pompéia: biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- Comenius (1997). *Didática Magna*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, Michel (1998). *História de sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro :Graal.
- Foucault, Michel (1975). *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- Pascal, Blaise (1962). *Pensées: texte établi par Louis Lafuma*. Paris: Éditions du Seuil.
- Perrenoud, Philippe (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar* Porto: Porto Editora.
- Pompeia, Raul (1993). *O Ateneu: apuração do texto em confronto com o original e introdução por Therezinha Bartholo*. Rio de Janeiro:Francisco Alves.
- Proença, Ivan C (2011). «Introdução». In Pompeia, Raul. *O Ateneu:crônica de saudades*. Biografia, introdução e notas de Ivan C. Proença. Rio de Janeiro:Nova fronteira.

---

<sup>1</sup> As frases ou palavras entre aspas duplas e não seguidas de referência foram todas retiradas do romance O Ateneu na edição: Pompeia, Raul. O Ateneu: apuração do texto em confronto com o original e introdução: Therezinha Bartholo. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

<sup>2</sup> O processo de disciplinamento escolar, como disserta Comenius (1997 [1627]) em obra seminal da pedagogia moderna, é um constante serviço de 'poda'. A metáfora da educação como o cultivo de uma planta, mencionado anteriormente, tem certamente origem na obra. A atitude do diretor do Ateneu – Aristarco - é, portanto, homóloga à do jardineiro que evita que as plantas se desenvolvam de forma desordenada.

<sup>3</sup> Note-se que o diretor do colégio, em seu discurso, não leva em conta a presença real de três mulheres no colégio (sua esposa Ema, sua filha Melica e a camareira Ângela), o que reforça a ideia da invisibilidade das mulheres no Ateneu (reflexo da posição desse grupo na sociedade).

<sup>4</sup> Diversos estudos indicam que O Ateneu, como uma 'crônica de saudades', contém elementos autobiográficos das experiências que Raul Pompéia vivenciou como aluno interno no colégio Abílio César Borges (RJ); no entanto o autor faz prevalecer em sua obra o caráter ficcional. O estudo biográfico de Capaz (2001, p. 106-123), comparando o romance à vida do romancista, indica diferenças como a localização do colégio e a idade do protagonista Sérgio ao entrar no Ateneu relativamente à idade de Pompeia ao entrar no colégio Abílio.